

CONTEXTO PASTORAL

ANO III ■ SETEMBRO/OUTUBRO DE 1993 ■ Nº 16

KARDEX	(<input checked="" type="checkbox"/>)
PP-DOC	(<input type="checkbox"/>)
MC/I-DOC	(<input type="checkbox"/>)

REFLEXOS DA ESPIRITUALIDADE

A Pastoral urbana católica

O desafio de se fazer presente de forma adequada no mundo urbano é discutido pelo padre católico José Arlindo de Nadai, coordenador da Pastoral da Arquidiocese de Campinas (SP).

ENTREVISTA — Página 3

Possibilidades do movimento carismático

Os horizontes de interpretação das experiências carismáticas precisam ser alargados diante dos limites e possibilidades que elas apresentam. Esta questão é objeto de análise do pastor Claudio Ribeiro.

REFLEXÃO — Página 9

Sexualidade libertadora

“A sexualidade continua a ser o último tabu do cristianismo”, aponta o pastor anglicano e cientista político Robinson Cavalcanti.

IDÉIAS — Página 11

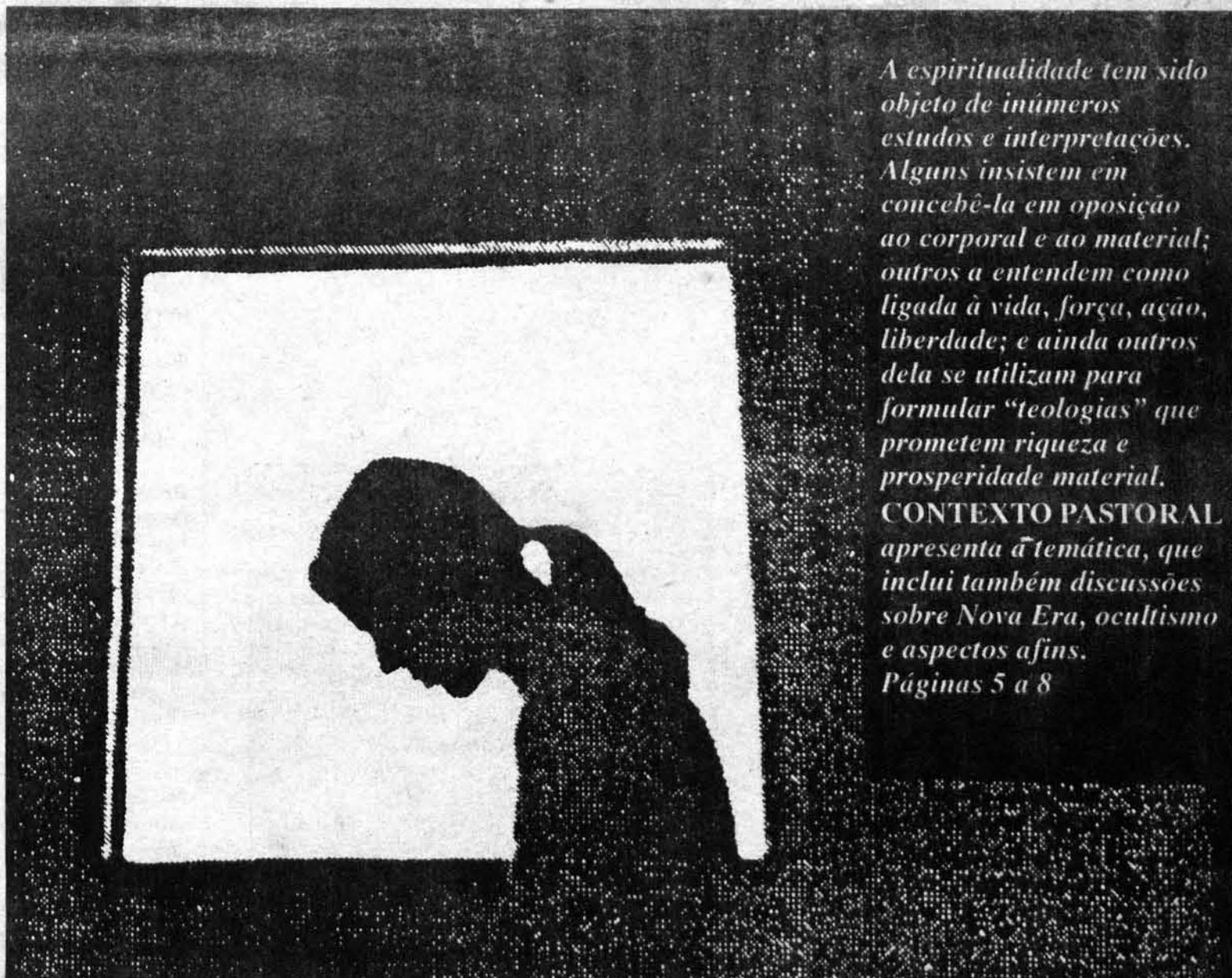
A Bíblia e o protestantismo

MEDITAÇÃO — Página 12

A espiritualidade tem sido objeto de inúmeros estudos e interpretações. Alguns insistem em concebê-la em oposição ao corporal e ao material; outros a entendem como ligada à vida, força, ação, liberdade; e ainda outros dela se utilizam para formular “teologias” que prometem riqueza e prosperidade material.

CONTEXTO PASTORAL apresenta a temática, que inclui também discussões sobre Nova Era, ocultismo e aspectos afins.

Páginas 5 a 8



O espírito da coisa

Dizem que os milagres acabaram; e temos as nossas pessoas filosóficas para fazer modernas e familiares as coisas sobrenaturais e sem causa.
(W. Shakespeare)

Disso não digo mais nada, mas que a bênção de Santo Antônio ajudará seu porco, sempre que a Mãe Bungie prejudicá-lo com suas pragas.
(Reginald Scott)

Astrologia, feitiçaria, curas pela magia, adivinhação, profecias antigas, fantasmas e duendes, tão em moda na Idade Média e tão desdenhados pela modernidade retornam com toda força em nossos tempos pós-modernos.

Para alguns, mesmo dentro da tradição cristã, tais manifestações mágicas são entendidas como manifestações do Espírito. E vemos multidões correrem em busca de experiências espirituais. Tome-se como exemplo o fato de estádios serem lotados por fiéis em busca de um dente revestido com o vil metal —fenômeno que vem sendo experimentado indistintamente por espíritas, pentecostais, católicos e protestantes carismáticos (e até por quem não é nada disso).

Tudo isso evidencia que o misticismo, longe de se extinguir, ressurge das cinzas da modernidade com força total, bem como o tema do Espírito Santo e, por conseguinte, da espiritualidade. E é no sentido de ajudar na discussão e compreensão deste tema que CONTEXTO PASTORAL traz, nesta edição, artigos sobre a espiritualidade, seu sentido bíblico e desafios para a pastoral latino-americana, além de uma abordagem crítica de algumas formas de espiritualidade inspiradas na ganância econômica.

Não se pode falar de Espírito sem se falar do Corpo. Nesse sentido, há que se elaborar uma Espiritualidade da corporeidade. E falar de corporeidade é falar de sensibilidade e de desejo, de risos e de choros, de ternura e de saudade...

CONTEXTO PASTORAL

Publicação bimestral do Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais — CEBEP (Rua Rosa de Gusmão, 543 — 13073-120, Campinas/SP. Tel. e fax 0192-41-1459) e do Centro Ecumênico de Documentação e Informação — CEDI (Rua Santo Amaro, 129 — 22211-230, Rio de Janeiro/RJ. Tel. 021-224-6713 e fax 021-221-3016)

Editores
Luiz Carlos Ramos
Magali do Nascimento Cunha

Editores assistentes
Carlos Cunha
Paulo Roberto Salles Garcia (MTb 18.481)

Diagramação
Anita Slade

Fotolito e impressão
Tipográfica Comunicação Integrada

Conselho editorial
José Bittencourt Filho
Marcos Alves da Silva
Paulo Roberto Rodrigues
Rafael Soares de Oliveira

Tiragem
7.700 exemplares

Preço do exemplar avulso
CR\$ 100,00

Assinatura anual
CR\$ 1.000,00

Assinatura de apoio
CR\$ 1.200,00

Exterior
US\$ 15,00

Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal.

Fique por dentro do CONTEXTO PASTORAL

Um jornal-painel a serviço da pastoral e dos cristãos pela paz e justiça. Uma publicação conjunta do Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CEBEP) e do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI).

Assinatura anual: CR\$ 1.000,00

Assinatura de apoio: CR\$ 1.200,00

Exterior: US\$ 15,00

Número avulso: CR\$ 100,00

Os pedidos de assinatura, acompanhados com cheque nominal para o Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (CEBEP), devem ser enviados para: Jornal Contexto Pastoral — Rua Rosa de Gusmão, 543, Jardim Guanabara, 13073-120, Campinas/SP.

CARTAS

Escreva para CONTEXTO PASTORAL
CEBEP — Rua Rosa de Gusmão, 543 — 13073-120,
Campinas/SP
ou CEDI — Rua Santo Amaro, 129 — 22211-230, Rio
de Janeiro/RJ

Recebi CONTEXTO PASTORAL nº 13 e agradeço. Que ao jornal nada escape o que devemos incluir em nosso serviço pastoral para ficarmos dentro de qualquer realidade, seja agradável ou não. Atenciosamente,

Rolf Dübbers
Presidente Getúlio/SC

Prezados amigos,
Estou lhes escrevendo para parabenizá-los(las) pelo excelente trabalho de vosso jornal. Sou pastor luterano, da IECLB, trabalho no oeste do Paraná, na cidade de Toledo, e junto com outros colegas pastores, padres e leigos estamos refletindo, com o auxílio de CONTEXTO PASTORAL os desafios em direção à realidade urbana, realidade de médias e pequenas cidades que temos aqui, e de forma mais angustiante, a realidade do Mercosul, que é a BR-277.

Parabenizo-lhes mais uma vez pela preciosidade de vosso trabalho. Atenciosamente,
Nilton Giese
Toledo/PR

Recebi o jornal CONTEXTO PASTORAL de maio/junho e julho/agosto. Como sempre faço, já abro e leio imediatamente. Gosto de ler esse jornal pois me leva a pensar sobre minha prática pastoral.

Sendo um pastor metodista, estudei em São Bernardo do Campo, Rudge Ramos, creio que tive uma boa formação. Mas sempre acontece coisas novas que nos surpreendem, movimentos que nos desafiam e práticas diferentes. Diante disso, procuro analisar o jornal para me servir de instrumento balizado diante da minha realidade pastoral.

Luiz Carlos Wandresse
Ivaiporã/PR

Desejo parabenizá-los pelo excelente conteúdo do suplemento Debate do jornal CONTEXTO PASTORAL sobre o Mercosul. Infelizmente não temos acesso a informações como as veiculadas no suplemento. É muito importante que nós, cristãos, nos posicionemos criticamente diante disso, já que o Mercosul afeta um grande número de pessoas, geralmente as mais pobres e sem condições de reagir.

José Cláudio de Souza
Rio de Janeiro/RJ

Pela defesa de uma informação verdadeira, voltada para os ideais do Reino de Deus e sua justiça, renovo minha assinatura do jornal CONTEXTO PASTORAL. Que Deus possa abençoá-los nesse fundamental ministério da comunicação.

João Carlos de Azevedo Silva
São João do Meriti/RJ

Pastoral urbana: a presença da Igreja Católica na cidade grande

ENTREVISTA COM JOSÉ ARLINDO DE NADAL
Por Inês França

A Pastoral Urbana foi tema de encontro promovido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em Belo Horizonte (MG). Para discutir a temática, CONTEXTO PASTORAL entrevistou o padre católico José Arlindo de Nadal, coordenador de Pastoral da Arquidiocese de Campinas (SP).

Quando a pastoral urbana se tornou necessária?

A discussão sobre a pastoral urbana — entendida como o conjunto diversificado das atividades pastorais realizadas no contexto da cidade — sempre esteve presente, tornando-se mais forte a cada dia. Mas a partir do crescimento quantitativo das populações e também da complexidade desse problema ela tornou-se necessária. A cidade tem, de um lado, as grandes riquezas, os arranha-céus. De outro lado, existem as favelas, as vilas onde as pessoas vivem em condições subumanas, em habitações muito pobres ou sub-habitações. Como ser Igreja no grande edifício e também ali na favela, na periferia, em meio a esse contraste? A resposta é: A Igreja deve ter uma presença pública na cidade. Há momentos em que a Igreja convoca toda a massa de católicos para o Mineirão, o Morumbi e o Guarani, onde são feitas celebrações que projetam uma massa, uma consciência de pertença à Igreja que é do povo, como um todo. Por outro lado, ela também tem que se adaptar às formas de vida das pequenas paróquias, dos centros de atendimento à população.

Que diferenças existem entre pastoral urbana e rural?

É uma diferença relativa à realidade sociopolítica, cultural rural e à realidade sociopolítica urbana. Assim como na realidade rural a Igreja tinha uma forma de estar presente, fazer o seu trabalho de evangelização, ela tem que encontrar formas diferenciadas de estar na cidade grande que é muito diferente até na sua configuração geográfica. A diferença que hoje se salienta muito é a seguinte: a cidade rural era unicêntrica, na qual situava-se a praça onde estavam a Igreja e os serviços da cidade. Hoje a cidade grande é policêntrica. Não há um só centro e sim vários. A pessoa hoje mora num bairro, trabalha em outro e tem lazer em outro lugar da

cidade; isso dificulta a vida da pessoa, que gasta muito tempo em tudo isso e não é atingida pela Igreja. A cidade grande é lugar de contrastes. No mundo rural havia um certo equilíbrio na distribuição da terra, dos bens, da cultura. Também a cidade apresenta outro contraste, o micro e o macro, citação utilizada pelo padre João Batista Libânia, em que a pessoa tem relações primárias, como a família, e está no mundo das massas, das ruas, do trabalho, no qual as relações não são mais diretas. No trabalho, os turnos dificultam o relacionamento entre trabalhadores. A máquina é mais conhecida do que o próprio colega que o substitui na mesma máquina. Onde mora não conhece e não deseja conhecer os seus vizinhos, preferindo o anonimato.

Como se apresenta a prática pastoral na Igreja Católica no Brasil?

A Igreja Católica tem uma prática pastoral rural, desde suas origens, desde a sua colonização e até mesmo pela configuração do País que até trinta anos atrás era rural. Hoje a Igreja está mais desperta para a questão do mundo urbano, sem saber muito o que fazer. Não fazemos pastoral urbana, e sim modernizamos a pastoral rural, adaptando-a na cidade grande.

Como trabalhar o modelo eclesial da paróquia na cidade grande?

A experiência da diocese de Goiânia é exemplar. Numa grande região periférica não há nenhuma paróquia, sendo Comunidades Eclesiais de Base que são atendidas por leigos, religiosos, agentes de pastoral e uma pequena equipe de presbíteros. Um passo de qualidade de prática pastoral na cidade. Em Belo Horizonte, estão investindo muito na renovação da paróquia, em que se percebem os limites e possibilidades encontradas nessa prática. No Rio de Janeiro existe uma presença capilar por meio do trabalho nas ruas, quarteirões e grupos. Entre a estrutura paroquial e a das CEBs, percebe-se a importância dos grupos intermediários, com menos estruturas, que se multiplicam até para atender à realidade própria do urbano que é a mobilidade.

As CEBs são a única alternativa para o mundo urbano?

Nas CEBs o povo tem espaço para falar de suas preocupações, suas intenções, e aí fica estabelecido um relaciona-



namento mais humano. As CEBs são uma das possibilidades para a cidade, certamente uma das mais privilegiadas, ainda com espaço na Igreja; porém, hoje os pastoralistas apontam outras formas de presença na cidade.

Os movimentos estão mais presentes na cidade grande. Por quê?

A maior presença dos movimentos nos grandes centros ocorre pela necessidade da busca de uma forma alternativa da experiência religiosa, que nem sempre acontece na paróquia, ou mesmo nas CEBs, e o movimento vem atender a uma necessidade espiritual sobretudo em certo nível social. É uma resposta dessa busca da religiosidade. Hoje se constata uma busca intensa da espiritualidade, da mística, da religiosidade.

Como se dá a presença dos leigos e da hierarquia nos movimentos, CEBs e paróquia?

O fenômeno urbano supõe a participação intensa dos leigos. A resposta pastoral à grande cidade não se dará de forma adequada somente pelos presbíteros e religiosos. Essa realidade policêntrica da cidade faz com que o leigo tenha mais condições de estar presente nessas realidades. O presbítero não pode estar presente nos diferentes setores da sociedade, essa presença de fermento na massa só pode ser realizada pelo leigo, no mundo do trabalho, no mundo da política, no mundo da cultura, no movimento sindical.

Como ocorre a interferência do movimento social na pastoral urbana?

A pastoral é desafiada a participar, apoiar os movimentos populares, as organizações sindicais de reivindicação. A Igreja continua apoiando, até pela presença das próprias comunidades nas periferias, pela presença dos cristãos nas organizações sociais, nos partidos políticos. A presença dos cristãos nessas várias instâncias é o que se deseja.

Quais os desafios da pastoral urbana?

A busca de como se fazer presente de forma adequada no mundo urbano. Como evangelizar? Como ter uma linguagem adequada? Como ir ao encontro das necessidades básicas religiosas, espirituais do povo? É necessária uma reformulação profunda em nossos métodos pastorais. Outro desafio é o acolhimento. Se o urbano cria o fenômeno do anonimato e a pessoa está dissolvida na massa, a Igreja deve estabelecer uma pastoral do acolhimento. Talvez aí estejam presentes as igrejas mais próximas do povo. As igrejas pentecostais têm valorizado esse lado do acolhimento à pessoa. Integrá-la num grupo social e estabelecer novas relações é importante.

Hoje se fala muito na criação de centros transparoquiais, ou pólos de irradiação do Evangelho, situações onde existe grande afluência de povo, catedrais, igrejas centrais. Lugares do acolhimento, de informações. Existem outras formas de concepção desses centros de atendimento, por exemplo em rodoviárias, centros comerciais. Outra questão é o incentivo aos grupos e à formação de comunidades. Outra presença nos grandes centros são as grandes procissões, celebrações, nas quais a pessoa se sentiria valorizada e se encontraria como membro da igreja, em sentido mais amplo.

Como se dá o processo da inculturação no mundo urbano?

A inculturação seria essa forma de a Igreja se fazer presente, adequando-se às diferentes culturas do mundo urbano. A celebração numa favela, numa vila tem uma forma própria, uma linguagem diferente, mais simples. Ao celebrar para um grupo de consciência negra, se o presbítero quiser se inculturar terá que admitir e incentivar a valorização do canto típico dos negros, sua dança, sua roupa. As pessoas levam sua cultura, as coisas que compõem sua vida e seu cotidiano para a celebração. Responder aos desafios do mundo urbano é uma tentativa de inculturação.

Inês França é leiga católica e secretária do Centro Evangélico Brasileiro de Estudos Pastorais (Cebep).

A caminho do 9º Intereclesial de CEBs

Entre a Amazônia e o Nordeste brasileiro está o Maranhão — lá será realizado o próximo Encontro Intereclesial das Comunidades Eclesiais de Base do Brasil. Já pensando nesse evento, as comunidades maranhenses celebraram seus 30 anos com a realização de um seminário para avaliação dessa caminhada, na cidade de Coreatá, nos dias 18 a 22 de outubro. Éramos 113 participantes, entre representantes das doze dioceses que compõem o Regional Nordeste 5 — leigos, leigas, bispos, padres e religiosas — e visitantes.

Foram dias intensos de discussão, celebração e fraternidade. A realidade na qual as CEBs do Maranhão se encontram é fortemente rural e os enfrentamentos com as questões fundiárias marcam o seu cotidiano. Além da violência no campo, há sérias dificuldades para se viver e trabalhar nas cidades do interior do estado, e um êxodo para as regiões urbanas é inevitável.

A experiência eclesial é marcada pela memória de lideranças martirizadas por tais enfrentamentos. Como se não bastasse, há fortes evidências do recuo de setores da hierarquia católico-romana no apoio

à pastoral popular. Como em todo o Brasil, há um lento e progressivo reconhecimento da crise em que se encontram as comunidades.

Durante o seminário, muitas indagações surgiram em relação aos resultados destes anos: Por que a população ainda vota maciçamente nos políticos que sustentam o sistema? Por que muitas pessoas se afastam da vivência eclesial e algumas comunidades perdem o seu dinamismo? Como tratar a descentralização do poder político, econômico e eclesiástico?

Temas tratados. O ponto de partida foi a experiência destes 30 anos, com a memória das primeiras motivações, assim como os desafios que hoje são apresentados para as comunidades. Em resumo, o seminário refletiu — com base no evangelho de Mateus e nos documentos da Igreja Católica — oito questões: a relação das CEBs com o poder político e econômico; o poder no interior da Igreja; a diversidade cultural; o conjunto da população (“massa”); a organização popular; outras Igrejas; os desafios das periferias urbanas, além de própria organização e autonomia das CEBs.

Ecumenismo. As experiências ecumênicas estão dispersas no dia-a dia das comunidades do

Maranhão. Há aproximações de irmãos e irmãs evangélicos, em especial da Assembléia de Deus, em iniciativas populares e de luta pela terra. Mas, por outro lado, permanecem atitudes ofensivas e proselitistas. Neste sentido, o seminário concluiu que há necessidade de valorização das iniciativas ecumênicas de “luta pela vida”, maior conhecimento da realidade das igrejas evangélicas e uma sensibilidade em descobrir formas mais adequadas para responder às atitudes consideradas agressivas vindas de outros irmãos.

E o futuro? O seminário pôde colocar o “dedo em feridas”, sem perder o entusiasmo e a motivação que vem do Espírito. Se foi possível reconhecer que “os 30 anos de caminhada das CEBs parecem muita coisa, mas estamos só começando”, também descobriu-se “com muito empenho e zelo evangélico, pistas para as nossas reflexões e ações, tendo em vista a edificação do Reino de Deus e a sua justiça (Mt 6. 33)” (trechos da carta final). (Cláudio de Oliveira Ribeiro)

Vídeo

O desafio das culturas: Oitavo Intereclesial de CEBs

Um acontecimento, como um intereclesiástico, é difícil de ser descrito e relembrado com toda sua riqueza. Por isso é um desafio aceitar o compromisso de realizar um vídeo sobre esses encontros. As imagens do encontro procuram retratar o calor com que foram vividas, em cada um dos blocos, e durante todo o encontro, a descoberta da relação entre cultura e fé cristã. Numa

perspectiva ecumênica se apresentam os passos que foram dados, as perguntas que foram suscitadas e o que precisa ser mais aprofundado.

Duração: 27 minutos.
Preço: 11 dólares.

Os pedidos devem ser feitos ao Serviço de Documentação Pp — Rua Santo Amaro, 129, Glória, 22221-230, Rio de Janeiro, tel: (021) 224-6713.



O DESAFIO DAS CULTURAS

Oitavo Intereclesial de CEBs

Serviço Mídia / Pp
01/10/1987

CEDI / PROGRAMA DE ASSESSORIA À PASTORAL

dos ensinamentos tradicionais da Igreja, o documento condena o homossexualismo, o aborto, o controle artificial da natalidade, a ordenação de mulheres, e o casamento de padres.

Foi pensada para combater o relativismo moral e reafirmar a existência de atos intrinsecamente maus, prescindindo dos condicionamentos ambientais e psicológicos. Um ato é moralmente bom se a intenção, o fim e a matéria do ato são bons. Esse trinômio é inseparável (VS parte II). Os fins não podem justificar os meios. Nem a consciência humana pode ter a última palavra, que pertence a Lei de Deus (salvaguardada pelo Magistério da Igreja, é claro). É a profunda ruptura com a mentalidade moderna, alvejando a “razão prática kantiana”: aja de forma que, a máxima da sua ação seja aquela universal, ou seja, católica.

A Carta despertou reações diversas. A *Opus Dei* aplaudiu; para Hans Kung é o fim do diálogo com o mundo; o primaz da Inglaterra acha difícil a aceitação; a maioria católica norte-americana repudia; o cardeal de Paris elogia; no Brasil, o episcopado vê com bons olhos, enquanto teólogos e leigos se sentem pouco à vontade. (César Roberto Lapa)

Dossiê “O ESPLendor DA VERDADE E O NOVO CATECISMO”

O lançamento da *Veritatis Splendor* e a publicação do Novo Catecismo nas principais notícias da grande imprensa de São Paulo e do Rio compõem o conteúdo do dossiê “*Veritatis Splendor — O Espendor da Verdade e o Novo Catecismo: fala de Roma; fala de outros*”. A publicação, preparada pelo Serviço de Documentação do Programa de Assessoria à Pastoral (CEDI), traz também a íntegra da encíclica, além de diferentes reações de autoridades religiosas de todo o mundo. Trata-se de um rico material que provocará a discussão em torno das inversões de poder da Igreja Católica.

Pedidos devem ser feitos ao Serviço de Documentação Pp — Rua Santo Amaro, 129, 22221-230, Glória, Rio de Janeiro, tel: (021) 224-6713. O valor unitário do dossiê é de 8 dólares.



Teologia da espiritualidade

Pedro Casaldáliga

"Por onde ireis até o céu se pela terra não ides?"

Somos pessoas de corpo e alma em unidade indissolúvel: não somos espíritos "puros". A espiritualidade cristã não é desencarnada. É o seguimento do Verbo encarnado em Jesus de Nazaré, a mais histórica e "material" das espiritualidades, na linha bíblica da Criação, do Éxodo, da Profecia, da Encarnação, da Crucificação e da Ressurreição da carne.

Por onde vamos, se não vamos por essa "terra" de nossa fé cristã?

Também não vamos sozinhos, mas em comunidade, em mancomunação solidária, como pessoas de uma só humanidade — e, aqui num continente uno — como membros da congregação Igreja — acontecendo latino-americamente.

Não podemos fazer da espiritualidade um negócio individualista, um salve-se quem puder, um prescindir da dor e da luta que nos circundam; porque somente a caridade desinteressada e comprometida e gratuita santifica.

Espírito e espiritualidade

A palavra "espiritualidade" deriva de "espírito". E, na mentalidade mais comum, espírito se opõe à matéria. Esses conceitos de espírito e de espiritualidade como realidades opostas ao material e ao corporal provêm da cultura grega. Dela passaram ao castelhano, ao português, ao francês, ao italiano e até ao inglês e ao alemão. Quer dizer, quase tudo o que pode ser chamado de "cultura ocidental" está como que infectado por este conceito grego do espiritual. O mesmo não acontece, por exemplo, na língua quíchua, ou guarani ou aimara.

Também o idioma ancestral da Bíblia, a língua hebraica, o mundo cultural semítico não entendem assim o espiritual. Para a Bíblia, espírito não se opõe à matéria, ao corpo, à maldade (destruição); opõe-se à carne, à morte (a fragilidade do que está destinado à morte); e opõe-se à lei (a imposição, o medo, o castigo). Nesse contexto semântico, espírito significa vida, construção, força, ação, liberdade. O espírito não é algo que está fora da matéria, do corpo ou da realidade real, mas algo que está dentro, que habita a matéria, o corpo, a realidade, e lhes dá vida, os faz ser o que são; enche-os de força, move-os, os impele; lança-os ao crescimento e à criatividade num ímpeto de liberdade.

Em hebraico, a palavra "espírito" — *ruah* — significa vento, respiração, hábito. O espírito é, como o vento, ligeiro, potente, envolvente, imprevisível. É, como o alento, o vento corporal que faz com que a pessoa respire e se oxigene para poder continuar viva. É como o hábito da respiração: quem respira está vivo; quem não respira está morto.

O espírito não é outra coisa senão o melhor da vida, o que faz com que ela seja o que é, dando-lhe caridade e vigor, sustentando-a e impulsionando-a. Dizemos que algo é espiritual por causa da presença que em si tiver do espírito.

Constantes da espiritualidade

Para abordar as marcas da espiritualidade, desde já abandonamos o sentido grego do termo "espírito" e procuraremos nos aproximar do sentido bíblico, indígena, afro, menos dicotomicamente "ocidental".

Profundidade pessoal. A verdadeira espiritualidade consiste em "viver com espírito". É mística, disposição, força, "in-spiração", "espírito". Situa-se na profundidade humana e no nível da opção fundamental e das motivações maiores que animam a pessoa, o grupo, as comunidades. E tem sua raiz e seu crédito na rica experiência espiritual que palpita neste continente.

Reinocentrismo. O Reino de Deus é a pedra angular de todo o edifício da espiritualidade. A espiritualidade está marcada pela redescoberta teológica do caráter histórico-escatológico da mensagem de Jesus: a causa de Jesus, aquilo pelo que viveu e lutou, morreu e ressuscitou. O Reino de Deus constitui efetivamente o centro de sua pregação e de sua prática. Porque é seguimento de Jesus, a espiritualidade faz parte do Reino de Deus, seu centro, sua missão, sua esperança. E concebe toda a vida cristã em torno do Reino.

Sendo reinocêntrica, a espiritualidade, por um lado, submete à crítica a própria Igreja quando, em suas estruturas, cede à tentação de um eclesiocentrismo que nega a centralidade do Reino. Nas igrejas cristãs houve e há muitas espiritualidades que não são exatamente reinocênicas.

Uma espiritualidade do essencial e universal cristão. A espiritualidade "cristã" quer ser a do próprio Espírito de Jesus. Procura centrar-se no seguimento de Jesus e na continuação da mesma luta sua.

Espírito não se opõe à matéria, ao corpo, à maldade; espírito significa vida, construção, força, ação, liberdade

É, simultaneamente, uma espiritualidade da libertação e concentra-se no mais universal, urgente e decisivo do universo humano: a realidade dos pobres e seu grito pela vida, pela justiça, pela paz, pela liberdade, contra a dominação e a opressão. Quem não capta ou não assume esse clamor central da realidade, não pode entender a espiritualidade nem será capaz de torná-la coerente e crível.

É uma espiritualidade para todos. Não é só para supostos profissionais da espiritualidade. É para o cristão ou cristã sem adjetivos, antes de e durante qualquer concreção de estado, de carisma ou de ministério, porque está centrada na "vocação cristã".

Localização. Essa espiritualidade, que é cristã e libertadora, quer viver o mistério da encarnação situando-se:

a) na realidade: suas vivências estão marcadas pela realidade. Faz da realidade matéria da experiência de Deus. E, em sua ação, pretende sempre voltar à realidade, para agir sobre ela e transformá-la;

b) na história: tal espiritualidade perscruta sempre os "sinais dos tempos", a "hora", o "kairós", o "hoje de Deus" e o hoje humano. Está atenta à conjuntura. Procura captar e viver os processos históricos;

c) no lugar: o Continente. É espiritualidade "latino-americana", porque nasce aqui e assume a identidade, os desafios e as experiências do Continente;

d) nos pobres: está marcada decisivamente pela opção pelos pobres, assume sua causa, participa de suas lutas, e os leva à condição de sujeitos e protagonistas na sociedade e na Igreja;

e) na política: como consequência de seu reinocentrismo, tal espiritualidade está inserida numa leitura também histórica e política do Evangelho e da Igreja. Concebe a vida do ser humano como um chamado a construir na história a utopia que Deus nos revelou em Jesus: o Reino. Para além de toda privacidade, abre-se ao político, às coordenadas geopolíticas, à estruturação da vida humana na sociedade nacional, continental, mundial. Acarreta uma "santidade política".

A crítica. A espiritualidade da libertação é naturalmente crítica e rejeita a ingenuidade pré-crítica do pensamento idealista ou estruturalista. Tem consciência de que entre o Evangelho e nossa fé sempre há "mediações" inevitáveis: culturais, ideológicas, hermenêuticas...

Sabe-se que não há neutralidade possível. Conhecer é interpretar. A espiritualidade da libertação não pretende de uma "neutralidade" asséptica impossível, nem se deixa enganar ingenuamente pelos que se dizem neutros. Não pretende outra objetividade senão a de coincidir com o objetivo de Jesus, nem outra neutralidade além da neutralidade daquele Jesus que se manifestou apaixonadamente partidário da Vida e como Boa-Notícia para os pobres.

A práxis. A primazia da práxis sobre todo delineamento meramente especulativo ou abstrato, tão característico do pensamento moderno, é também característica dessa espiritualidade. Seu objetivo último é que chegue o Reino, quer dizer, a gradual transformação da realidade histórica total, por uma práxis integral, sempre rumo à utopia querida pelo próprio Deus.

A integridade: sem dicotomias e sem reducionismos. Para a espiritualidade, a realidade, sendo dialética, é unitária e integral, não está dividida:

a) verticalmente (o natural e o sobrenatural, o material e o espiritual, a história profana e a história sagrada);

b) nem horizontalmente (este mundo e o outro, o tempo e a eternidade, a história e a escatologia);

c) nem antropologicamente (o indivíduo e a sociedade, a pessoa e a comunidade, o interior e o exterior, o privado e o público, o religioso e o político, a falsa alternativa entre a conversão pessoal e a transformação estrutural).

Não é transcendentalista, mas é transcendente; não é imanentista, mas aceita e vive o compromisso da imanência. A dimensão da transcendência torna-se "transparência" na imanência.

Nem é espiritualista, com um Deus sem Reino; nem é materialista, com um Reino sem Deus. Vive a síntese integrada que Jesus vive e nos revelou: pelo Deus do Reino e pelo Reino de Deus.

Dom Pedro Casaldáliga é bispo católico em São Félix do Araguaia (MT). O autor desenvolve este tema mais demoradamente no livro "Espiritualidade da Libertação", Editora Vozes, 1993.

Teologia da prosperidade: a falência da espiritualidade

Ricardo Gondim Rodrigues

A decadência da espiritualidade protestante chega ao nível mais baixo com a chamada Teologia da Prosperidade. Notoriamente norte-americana, ela invadiu a América Latina com diferentes nomes: Movimento de Fé, Teologia da Confissão Positiva e Teologia do Rhema.

Em um continente empobrecido, a Teologia da Prosperidade chega como uma alternativa divina com promessas de saúde e riqueza; um escape aos sufocantes problemas da perversa realidade continental. Com uma prática liturgicamente pentecostal, e com premissas muito próximas do protestantismo evangélico fundamentalista, essa Teologia tornou-se a mais vigorosa influência teológica na incipiente fé latino-americana. Nos segmentos socialmente deprimidos, ela foi reelaborada, apropriou-se dos símbolos da religiosidade popular e firmou-se como um neopentecostalismo, ou protestantismo popular. Entre a classe média, enxergou-se a Teologia da Prosperidade como uma fuga da burguesia evangélica, que sempre desejou subir socialmente mas sentia-se agora perigosamente condenada a descer com o rápido empobrecimento do Continente.

A direita protestante norte-americana historicamente associou a conversão com mobilidade social, mas agora ela invade o Continente com missionários que vivem um estilo de vida extravagante e que promovem seminários com testemunhos de empresários bem sucedidos, os quais comprovam que o Evangelho garante riqueza e saúde a todos que abraçarem a fé.

A identificação inicial do movimento de confissão positiva com o pentecostalismo clássico foi descartada pelas principais denominações americanas. As Assembléias de Deus, a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja de Deus, as maiores entidades pentecostais dos Estados Unidos, manifestaram-se contrárias não só às ênfases desse movimento, como rechaçaram até mesmo suas premissas teológicas principais: a) a percepção gnóstica do conhecimento; b) sua cristologia; c) sua antropologia; d) sua rejeição da teologia da igreja como comunidade empática ao sofrimento humano.

As raízes históricas da Teologia da Prosperidade

O grande inspirador da Teologia da Prosperidade foi um evangelista cha-

mado Essek William Kenyon (1867-1948), que influenciou uma gama de “ministérios da palavra” com expoentes como Kenneth Hagin, Capoland, Charles Capps, Frederick Price e outros como Domos Shakarian, o fundador da Associação de Homens de Negócios do Evangelho Pleno (Adhonep).

Podem-se traçar as premissas teológicas de E. W. Kenyon aos ensinos metafísicos a que ele se expôs quando freqüentou o Emerson College of Oratory, de Boston.

Kenyon, fascinado com os ensinos de Mary Baker Eddy, identificou-se muito mais com o movimento de cura divina do que com o pentecostalismo. Ele influenciou toda uma geração de pregadores de cura divina. Por volta dos anos de 1950, os Estados Unidos se viram invadidos por vários evangelistas que pregavam e anunciam a cura divina como parte do sacrifício expiatório de Cristo. Alguns legitimamente imbuídos pelo desejo de pregar um “evangelho completo” e outros apenas motivados pelo sucesso rápido que a mensagem de cura divina lhes trazia. T. L. Osborn, Oral Roberts, Kathryn Kuhlmann, Asa Allen, Jack Coe, Rex Humbard e muitos outros peregrinavam pelos Estados Unidos e por todo o mundo, muitas vezes em tendas, falando que o “evangelho completo” incluía a cura das enfermidades.

Seus ministérios, muitas vezes, incorreram em excessos, alardearam curas a granel com o intuito de arrebanhar multidões. Atraíram muita crítica por parte da mídia que os chamava de charlatões. Alguns conseguiram o apoio apenas relutante dos líderes pentecostais históricos. O apoio mostrava-se hesitante, pois as lideranças pentecostais, mesmo concordando que Jesus Cristo é o médico que cura todas as enfermidades, sentiam-se incomodadas com o fato de que nas propaladas cruzadas de cura divina, muitos não recebiam a cura, jogando dúvidas sobre o poder e a ação de Deus (a propaganda geralmente dizia que todos seriam curados). O movimento de cura arrefeceu muito quando nomes famosos como Oral Roberts, Kathryn Kuhlmann viram-se envolvidos em graves acusações quanto à idoneidade financeira.

Fora esses abusos na prática evangélica, a grande maioria dos evangelistas de cura divina mantiveram-se fiéis ao fundamentalismo conservador.

O movimento de cura divina permaneceria nos moldes avivalistas funda-

mentalistas, até surgir no cenário evangélico o nome de Kenneth Hagin. Com ele viria um significativo desvio.

Alguns conceitos espirituais da Teologia da Prosperidade

A doutrina do *rhema* é a pedra angular da Teologia da Confissão Positiva. O texto de Romanos 10.8 funciona como chave para se enxergar que o *mema* (sinônimo de *logos*, em grego) é uma palavra pessoal, direta e sobrenatural para os crentes.

Kenyon dizia que há dois tipos de conhecimento: a) o conhecimento por revelação; b) e o conhecimento sensorial. Para ele “o conhecimento por revelação é aquele que lida com dimensões que os sentidos não conseguem discernir sem a ajuda do conhecimento por revelação”. A partir daí a Teologia da Prosperidade formulou uma diferença entre o *logos*, como palavra geral, e o *rhema*, palavra específica de Deus. O *logos* pode ser submetido a uma exegese e sua hermenêutica pode levar em conta o contexto histórico, mas o *rhema* não, ele é totalmente subjetivo e intimista. Para a Teologia da Prosperidade, o *logos* é inócuo, apenas revela de uma maneira geral a ação de Deus na história. Apenas o *rhema* traz consigo o poder de Deus.

A teologia também formulou uma antropologia desconexa da ortodoxia ocidental. Para John G. Lake, “o homem não é uma criação separada de Deus, ele é parte do próprio Deus... Deus intenciona que sejamos deuses”. Bispo Earl Paulk (além de pregador da prosperidade, grande protagonista da nova agenda da direita norte-americana, com a teologia do reconstrucionismo) disse recentemente que “assim como os cachorros têm cachorrinhos e os gatos geram gatinhos, Deus gera pequenos deuses”.

A espiritualidade dessa teologia despreza a humanidade das pessoas e promete a eles um status de Deus. Casey Treat fez sua igreja repetir várias vezes em sua igreja em Seattle, Washington, que todos ali não podiam mais se comportar como gente e sim como deuses, depois ele conclui: “Quem você pensa que é? Jesus? Certo! Vocês estão me ouvindo? Vocês são como crianças agindo como se fossem deuses? Por que não? Já que sou uma réplica perfeita de Deus, eu tenho que começar agindo como Deus”.

O conceito de fé na Teologia da

Prosperidade sofre com essa concepção, uma guinada radical em relação ao protestantismo histórico. A fé passa a significar o poder de criar realidades e não mais uma dependência de Deus. Essa autonomização da humanidade gera, em um primeiro instante, enormes possibilidades; a doença deixa de existir diante de uma ordem, as riquezas se multiplicam bastando que assim se formulem corretamente as frases. Em um segundo momento, gera profunda decepção, pois logo a realidade se impõe com mais força.

Vem à tona então o sistema teológico que faz exigências de Deus, sempre causativas — Ele sempre agirá como resultado da decretação ou confissão positiva. O triunfalismo irresponsável dessa visão descarta que o pensamento teológico ocidental ortodoxo descreve como Jesus creu, mas alicerça-se nele como objeto da fé. Esse desvio representa o espírito da época — narcisista e triunfalista. Pois essa é a espiritualidade do neoliberalismo reinante, gerador de um sistema religioso centralizado no egoísmo. Infelizmente, a religião mais uma vez se dobra a serviço do sistema, reforçando os desejos e ambições das pessoas e não buscando o Reino de Deus.

Como não há espaço para qualquer tipo de derrota na Teologia da Prosperidade, também não há cruz. “A ênfase é no que Deus pode fazer para as pessoas; no que o crente pode exigir e receber”; no lucro para os que se convertem.

A Teologia da Prosperidade chegou com vigor ao Brasil porque ela encontra uma identificação social tremenda por aqui. O terreno religioso brasileiro é extremamente místico e supersticioso. Lugares, objetos, frases pré-elaboradas e a intercessão de pessoas têm valores sobrenaturais. O poder mágico de qualquer sistema religioso com frases e fórmulas prontas que tentam encapsular poderes divinos será sempre muito forte no Brasil. Há ainda a herança missionária fundamentalista que gerou um protestantismo transcendental bastante desencarnado de qualquer realidade histórica.

Assim, joga-se a esperança de transformação social para o transcendente e aliena-se a Igreja de sua militância. A ideologia capitalista da ebulição neoliberal se misturou de tal forma no pensamento religioso deste fim de milênio que a ênfase da religião tornou-se egocêntrica, materialista e consumista.

No Novo Testamento, fé significa muito mais uma reação humana que presume uma visitação da graça de Deus. Todas as vezes que fé vem mencionada nas Escrituras, sua conotação significa critério para relacionamento com Deus. A teologia paulina claramente demonstra que o amor tem primazia sobre a fé. A inversão dessa ordem gerou uma teologia que produzirá morte. A verdadeira evidência da chegada do Reino está no amor. "Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns pelos outros" (Jo 13.35).

A espiritualidade da Teologia da Prosperidade desconhece que a fé nunca é usada na tradição judaica ou cristã como instrumento de manipulação para conseguir de Deus os fins egoístas da humanidade. O cântico de I Coríntios 13 lembra a todos que o amor sobreviverá à fé e à esperança. Só o amor traz pertinência ao cristianismo que se propõe ser encarnação de um Deus empático.

A Teologia da Prosperidade surgiu no vácuo de um cristianismo institucionalizado, frio e decadente, que enfrenta uma crise de credulidade, praticidade e viabilidade.

Hoje, algumas igrejas evangélicas não passam de um ponto de encontro de uma classe média evangélica em que se preservam as tradições religiosas medievais e os altos ideais do cristianismo; apenas usados por uma elite econômica corrompida, indiferente, materialista e hipócrita. As instituições eclesiásticas servem, muitas vezes, apenas para massagear a consciência de uma geração embrutecida pelo pecado.

Por que surgem movimentos como a Teologia da Prosperidade? A resposta não pode excluir as doenças do próprio cristianismo. Dispondo de uma sistemática bem arrumada, cultos organizados, a igreja evangélica esquálida, sem conseguir mostrar uma fé pujante, abre espaço para uma reação extremada pelo sobrenatural.

O desafio continua. Diante das formas de espiritualidade que esta geração moderna vem gerando, que o cristianismo reaja se "re-inventando" a partir das Escrituras. O espírito de Jesus de Nazaré, solidário com os pobres, os oprimidos, necessita ser encarnado com mais vigor em sua igreja. Só assim se desmascara a Teologia da Prosperidade. Só assim se anuncia que é chegando o Reino de Deus entre os homens. *Soli Deo Gloria!*

Ricardo Gondim Rodrigues é pastor da Assembléia de Deus Betesda em São Paulo e presidente da Fraternidade Teológica Latino-Americana — Setor Brasil.

Re(cre)ação: espiritualidade da corporeidade

José Lima Jr.

Desde sempre se soube que o mais seguro sinal de morte era a parada da respiração (...) Desde sempre, primitivos e crianças se puseram, perplexos, frente à respiração — esse eterno encher e esvaziar um vazio com "nada". (Gaiarsa)



Quando a ausência de ar no corpo foi percebida, milhares de anos atrás, nascia o espírito como noção de sopro vital. Quando a presença de ar no corpo foi transformada em som e sentido, findava a hegemonia das sensações. Com a palavra, surge o "homo sapiens/demens": ao mesmo tempo senhor da cultura e servo da loucura, criando o ambíguo fruto do bem e do mal — o conhecimento.

Se não fosse a morte, não haveria este jornal, este artigo, esta foto, esta coisa de "re-ação", este parêntese prenhe de crença que, à distância, é melhor ser "ad-mirado" em meio a uma brincadeira. Com a morte cessa toda pretensão; sobram mistérios que a palavra se encarrega de compor em jogos nem sempre consequentes. Afinal, porque se morre é que o corpo inventa um modo de "sobreviver", isto é, criar algo em cima da vida, como que um recurso postício à própria vida.

A vida do corpo depende do espírito (ar), porém isso não esgota a capacidade de o corpo fazer a mágica de mudar o ar em palavra e poder dizer o que querer sobre o mistério de ser um corpo que, geralmente, morre sem querer. A

partir desse jogo que a linguagem oportuniza, surge a espiritualidade — um instigante predicado cultural da condição corpórea. E são inúmeras as nuances desse jogo: desde as mais conhecidas até as mais sutis.

Parece que a religiosidade tem alcançado um imenso prestígio na sua maneira de tratar as coisas do espírito. Religiões se organizam com o intuito de responder ao mistério do espírito que chega e sai do corpo. E o que é muito interessante: justo a religião (conjunto de linguagem), que é um produto do espírito, acaba se esquecendo de seu caráter constitutivo: simples efeito. Daí o mais estranho: como é que uma coisa absolutamente posterior (a religião) pode pretender explicar, exaustivamente, todo o referente anterior (com destaque, o espírito) da corporeidade!

Talvez a religiosidade não tenha mesmo cura. Sua salvação está em seu ap(r)ontamento pe(r)dido desde sua gênese. Por isso, paradoxalmente, é um texto (tecido) que se fi(x)a pela "eternidade" (na co-existência com a cultura). A religião sempre será o que é: o jeito mais inventivo de se la(n)çar, de se fazer parábola, de se jogar — fingindo que não joga!

E esse fingir é a resultante que precisa ser passada a limpo. Caso a religião venha a ser resgatada em seu fingimento, a corporeidade talvez até consiga se libertar, um pouco mais, para outras formas de espiritualidade. Fingir (do latim, *ingo*) significa fazer pelo avesso, criar um molde que prepara o futuro pela via do contrário. No molde está o antônimo de batismo da coisa. Fingir é

o lado fértil da ilusão... especialmente se se aceita a ilusão a partir de seu radical compromisso com o jogo, com a brincadeira: "iludir" (do latim, *illudo, includo*).

Ao brincar, o corpo é criança, mesmo que "avançado em dias". Alguém até já perguntou, certa vez: "como posso nascer de novo, ser criança, sendo velho?"... E a resposta tangencia essa chance de viver a graça de se achar graça ao brincar o brinquedo que se "cria". Na re(cre)ação brota a espiritualidade nova, uma espécie de "zoe" (vida) que excede, que gasta, que vale por sua abundância imaginativa/fingida, religada tão-somente à graça, ao charme precário e provisório de se enganar/driblar o inexorável da morte, desde o "hic et nunc" da paixão-nossa-de-cada-dia.

Posto que o brinquedo acontece dentro do paradigma da fantasia, do faz-de-cont(r)a, a criatividade está em todos os contornos de seu horizonte. Brincar é recrear, criar outra vez. Momento segundo privilegiado. Instante quando a linguagem "re-incide" sobre as coisas, envolvendo-as com uma película simbólica. O brinquedo também traduz, portanto, como é que o corpo "não vive só de pão, mas de toda a palavra...". No brinquedo, fica o signo do espírito inconformado com a morte. Brincar é preciso. Nem que seja pra "passear enquanto o seu lobo não vem".

Na re(cre)ação da espiritualidade, o corpo está mais próximo do prazer. Há um gozo espiritual que atravessa a pele, pêlos e poros, encharcados de sensibilidade. O desejo, ainda que insuperável, encontra na graça do espírito o riso da alegria densa-e-tensa. Sem a solução garantida, a brincadeira pneumática, pela via da beleza, seduz o que vai extinguir. E nessa sedução há um quê de ternura, um carinho, uma cosquinha, uma teimosia e uma saudade...

Dai na "memória", citando Drummond, "amar o perdido, deixa confundido este coração. Nada pode o olvido contra o sem sentido apelo do Não. As coisas tangíveis tornam-se insensíveis à palma da mão. Mas as coisas findas, muito mais que lindas, essas ficarão".

Restam, assim, o crepúsculo, as siluetas, a espera, as despedidas, o mo(vi)mento de te(n)são e os vôos pra nunca-mais...

José Lima Jr. é doutorando em Filosofia e assessor do Programa de Assessoria à Pastoral (CEDI).



Nova Era e ocultismo: ensaiando interpretações

Jorge Atilio Silva Julianelli



Um livro rico em insinuações é o I Ching. Segundo o psicanalista Carl Gustav Jung, ele revela estruturas arquetípicas do inconsciente, possibilita um maior autoconhecimento. Autoconhecimento, quantos outros escritos e atividades oraculares afirmam possibilitar isto, algumas acrescentam permitir o conhecimento do futuro: Tarô, Búzios, Runas... As revelações do Oculto. Aliás, para revelar-se é necessário estar oculto, somente assim é possível sair do véu.

Fato é a existência de uma série de atividades ocultistas que estão agrupadas em um movimento conhecido como Nova Era. Talvez quando Marilyn Ferguson, em 1975, escreveu seu livro sobre essa era que surgia, a era de *Aquarius*, não supunha a extensão que esse movimento viria a ter. Ela insinuava uma era de maior integração entre homem e natureza, uma afirmação social do potencial feminino, uma nova abertura à transcendência. Franz Capra, o famoso físico autor de *Tao da Física*, apresenta uma realidade perpassada pela divindade. Esse panteísmo está presente nas muitas formas de compreender a divindade, a transcendência, apresentada pelos ocultismos pertinentes à Nova Era.

Há um mercado consumidor para isso. São vários livros, revistas e jornais que divulgam esse movimento. Isto, por um lado, indica um — e não o — perfil desse público: setor de classe média letrado. Uma das revistas recém-lançadas se chama *Mundo Mágico*. As manchetes de seu primeiro número são: *Astrologia — veja seu carma hoje e sua missão no futuro; saúde — a dança da eterna juventude; OVNIs — contatos imediatos no céu do Brasil; Exclusivo — o feiticeiro dos Andes; Mistério — as luzes da morte; Debate — na roda do tarô; Documento — a nova história de Jesus*.

Outra publicação, que circula no Rio de Janeiro, Bahia, Belo Horizonte, São Paulo e Rio Grande do Sul, chama-se: *Oriente, o jornal da trybo (sic) cósmica*. Manchetes: *mistérios revelados no Sabá das feiticeiras — conheça um pouco do antigo ritual que surgiu na metade do século XIX; Aguas de Lindóia promove o primeiro congresso latino-americano de florais de Bach originais; Descubra sua personalidade através das árvores; Cartas do tarot (sic) cigano identificam os Orixás*.

Descrevendo características

Podemos caracterizar, minimamente, no fenômeno ocultista da Nova Era dois vetores: identidade e práticas. Há uma profunda relação entre as naturezas da identidade e das práticas, uma constrói a outra. Realizam-se determinadas atividades, e não outras, pela opção de possuir e manter essa ou aquela personalidade, e pratica-se tal ou qual ação que constrói essa ou aquela identidade. Há uma dialética de inclusão entre identidade e prática.

Há cinco dados fundamentais na identidade dos movimentos da Nova Era: apelo à tradição; teísmo; holismo; cientificismo; centralidade na autoridade carismática. Esses dados podem ser encontrados em outros movimentos ocultistas, mas na Nova Era isso ganha uma relevância peculiar por articulá-las sem contradição. Mesmo no caso do cientificismo, somente existem contradições aparentes, em relação às outras características de identidade.

Apelo à tradição — Todas as manifestações apresentam-se como originadas em culturas milenares, especialmente as orientais. Mas, há outras tradições, africanas, nórdico-europeias, ameríndias... Enfim, há uma referência a um passado mítico, que haveria formulado uma compreensão de mundo integral, holista, equilibrada. A tradição legitima a existência da doutrina atual, pois, em verdade, ela é apenas a continuidade daquilo que sempre foi... As doutrinas atuais restabelecem a unidade interrompida, por algum fenômeno, com tais tradições milenares.

Teísmo — Há sempre referência a uma determinada compreensão da divindade, que, em geral, é reconhecida na própria pessoa humana. Somos todos deuses, ou somos tudo deuses. Há, em muitas doutrinas, um panteísmo cósmico.

Holismo — Existe uma unidade num todo. São as forças Yin e Yang do Tao, a unidade entre micro e macrocosmo, enfim a totalidade de forças e energias que pervadem o cosmo. Por isso não há, por exemplo, como cuidar da saúde sem atender aos apelos da divindade.

Cientificismo — Assim como há um apelo à tradição, há um forte apego à científicidade das explicações, tanto no uso dos meios tecnológicos contemporâneos, como a informática, como nas tentativas de explicação via psicologia do inconsciente, parapsicologia, ufologia,

homeopatia. Há uma explicação científica para as doutrinas e práticas.

Centralidade na autoridade carismática — Sempre existe um guru, um mestre, alguém que catalisa a experiência e pode repassá-la para os que serão iniciados. Disso decorre o caráter iniciativo dessas doutrinas; há alguém que detém o conhecimento, que é reconhecido como herói, santo e honesto, que pode permitir o acesso a conhecimentos e vivências originárias.

As práticas revelam outras características desse movimento: autoconhecimento, arte divinatória, feitiçaria.



Autoconhecimento — Todas essas manifestações pretendem possibilitar à pessoa um maior conhecimento de si mesma, um aprofundamento no Eu desconhecido, para facilitar a autodeterminação do sujeito. Esse meio, portanto, é também apresentado como fim. É uma finalidade autoconhecer-se, por alguma prática de autoconhecimento. Portanto: como se chega ao autoconhecimento? Autoconhecendo-se.

Arte divinatória — É a capacidade de prever, pelas forças que regem a realidade, e que são desconhecidas pelos não iniciados, o futuro. O futuro não é construído pela vontade humana, mas por forças que ultrapassam essa vontade, que podem ser compreendidas pelas pessoas, e até mesmo receber alguma interferência dos seres débeis que somos nós.

Feitiçaria — É a possibilidade de interferir indiretamente na realidade, por meio de intervenções sobrenaturais. Feitiço não é algo, apenas, maléfico. É toda forma de manipulação transformadora da vida. Assim, pode-se fazer feitiço, com o uso dos florais de Bach, para a recuperação da saúde.

As características da identidade e das práticas configuram um modelo de atividade místico-religiosa difusa. Essa religiosidade não está centrada em instituições, mas em seus líderes imediatos. A relação é sempre entre um consultante e um guru. Mesmo no caso de experiências coletivas, como o Santo Daime, por exemplo, é a vivência do indivíduo que é mais importante, as visões que cada um tem com o chá é que possui significado.

A Nova Era se inicia no Brasil com grupos religiosos como *Perfect Liberty*, *Seicho-no-ie*, e se estende por experiências como o Santo Daime, Tarô, I Ching, Paulo Coelho, Logosofia, Cultura Thelêmica, Esoterismo... e uma enorme lista.

Neoliberalismo e Nova Era

Interessante que partidos políticos — existe coisa mais moderna que democracia representativa? — e algumas empresas e indústrias — dá para pensar o mundo sem produção-consumo? — têm gurus em seus quadros deliberativos. Basta lembrar o Congresso Nacional do PT, aberto com uma palestra daquele mago; reportagens sobre empresas que possuem monges budistas para auxiliarem no planejamento por meio do I Ching; ou empresas que utilizam o Tai Chi Chuan como meio de distensionar seus executivos.

A Nova Era pode participar — e participa — das novas organizações do Mercado. Um mundo sem previsibilidades indefectíveis necessita da arte divinatória para aproximar-se das possibilidades, de fetiches que permitem garantir o sucesso: a eficácia contribua sendo critério, é necessário limitar as possibilidades de fracasso. Além disso, a lógica neoliberal é sacrificial: como possibilitar que os ajustes sejam aceitos? Em resposta a esse desafio vêm as propostas da Nova Era.

Esperando ETs, remetendo-se às tradições, rediscutindo os tratamentos de saúde, preparando filmes hollywoodianos, a Nova Era é mais uma das manifestações neoliberais. Porém, isso não significa a impossibilidade de experiências religiosas e místicas por meio de seus gurus. Mas, sobretudo, que as manifestações mais divulgadas possuem a mesma mensagem de ajuste que o sistema de mercado neoliberal.

Jorge Atilio Silva Julianelli é filósofo e integra o Programa de Assessoria à Pastoral (CEDI).

Experiência carismática, vírgula...

Cláudio de Oliveira Ribeiro



O esforço para compreensão das experiências denominadas carismáticas tem sido, na maior parte das vezes, restrito ao universo das igrejas, ou mesmo, de uma denominação apenas.

Ou seja, para encontrar as razões de crescimento do movimento carismático é listada uma série de limitações da vivência interna das igrejas, com ênfase no campo doutrinal e litúrgico. É fato a reação dos movimentos de avivamento espiritual ao racionalismo presente no protestantismo. Todavia, as últimas décadas têm revelado uma série de transformações na sociedade com forte relação com a religião, da qual o movimento carismático não pode ser dissociado. Por isso, os horizontes de interpretação necessitam ser alargados.

A "reconstrução do mundo"

Desde meados da década de 1970, diferentes movimentos religiosos vêm intervindo na esfera social e política, a partir de projetos próprios de hegemonia. Gilles Kepel em *A Revanche de Deus* (Siciliano, São Paulo-SP, 1991) analisa movimentos que têm implementado propostas de "recristianização", "rejudaização" e "reislamização" da sociedade. O espaço de atuação desses movimentos tem sido a crise das ideologias e utopias seculares, já engendrada desde essa época. Na medida em que aumenta o desencanto com as perspectivas de transformação político-social, surgem propostas religiosas de "reconstrução do mundo", com diferentes enfoques.

O Brasil, assim como os demais países latino-americanos, sofre influências de projetos de "recristianização". No campo católico, são visíveis as políticas exercidas pela Cúria Romana para fortalecer movimentos que possam reforçar a institucionalidade católico-romana. Na medida em que os movimentos, em especial os de renovação carismática, mobilizam pessoas com sua proposta religiosa intimista e de fácil assimilação no mundo moderno, eles passam a ser instrumentos privilegiados de "recristianização".

O campo protestante também possui o seu projeto. Nele está conjugada uma série diferenciada de movimentos e estratégias evangelísticas. Destacam-se, pela religiosidade intimista e pelo caráter politicamente conservador, o pente-

costalismo autônomo, a "igreja eletrônica" e os movimentos carismáticos. Eles utilizam diferentes meios de articulação de suas propostas. Entretanto, suas ênfases doutrinárias confluem na percepção dos males sociais, como fruto do pecado individual, e na regeneração social como algo individualmente realizável. A tão decantada reação dos carismáticos e avivalistas aos valores da modernidade nada mais é do que uma adequação aos seus esquemas fundantes.

Dante deste quadro, muitos perguntam sobre as possibilidades e limites da experiência carismática. Há setores nas igrejas que a estimulam por entendem que ela cria formas religiosas mais dinâmicas e espontâneas. Há maior flexibilidade litúrgica, o que propicia participação, expressão da emocionalidade e comunhão. Além disso, tem mobilizado um número maior de pessoas em comparação com as atividades eclesiásicas tradicionais.

Outros setores advogam o fortalecimento da espiritualidade carismática, com vistas a uma conjunção com as perspectivas pastorais de orientação usualmente denominada progressista.

O aspecto mais destacado na crítica ao movimento carismático tem sido o reforço ao individualismo

Ou seja, reunir, na experiência religiosa das comunidades, o entusiasmo e fervor devocional dos grupos carismáticos com a visão crítica da sociedade análoga à da pastoral popular católica.

No Brasil, as críticas a essas posturas são correntes nos fóruns que se dedicam a discutir a pastoral, sem, todavia, uma sistematização efetiva.

Poder e moralidade

Um dos questionamentos da experiência carismática é o seu paradoxo de, por um lado, questionar o convencionalismo cristão, e alimentar, por outro, a vaidade, a vontade de poder e o oportunismo político-eclesiástico (Cf. José Bittencourt Filho em "Movimento carismático: construção invertida da realidade?" *Contexto Pastoral* 1).

As práticas carismáticas do cultivo espiritual, inicialmente apresentadas

como renovação da fé e despretensiosa em relação ao poder eclesiástico, têm adquirido, nos últimos anos, um novo perfil. Têm sido crescentes as articulações de lideranças do movimento para ocupar espaços privilegiados nas estruturas das igrejas — presidências, episcopados, direção de instituições e outros. Esta visão não cooperava para maior autenticidade das práticas carismáticas, uma vez que o desejo de alcançar o poder nas estruturas eclesiásticas, por vezes, sobreponha-se aos propósitos da espiritualidade carismática.

Outras críticas indicam a visão sectária do movimento. Afirmam que os grupos carismáticos não se têm mostrado abertos o suficiente para acolher pessoas com vivências de fé diferentes (*ad intra*). E o movimento carismático tem mantido o anticatolicismo protestante, e mesmo as conexões com a Renovação Carismática Católica e outros grupos não têm sido factíveis. Também há uma desvalorização da esfera secular (*ad extra*).

Uma nova prática eclesial parece tornar-se inviabilizada devido ao cerceamento da liberdade e da criatividade nos círculos carismáticos. As experiências têm sido uniformes e pouco propícias à formação de uma vivência eclesial plural. Regra geral, há um modelo de igreja e de espiritualidade prefixado que deve ser aprendido por repetição. Os críticos afirmam que isso tem caracterizado a eclesialidade carismática por um "infantilismo religioso" e criado ambientes de artificialidade.

Outro aspecto é o da moralidade. A vivência carismática não tem conseguido disassociar-se do moralismo religioso característico do protestantismo histórico e pentecostal. Nas pregações de conteúdo carismático, há explícita e subliminarmente proibições ao uso de bebidas alcoólicas e ao fumo, à sexualidade fora dos padrões tradicionais e a divertimentos. Se os grupos carismáticos têm, gradualmente, introduzido a dança nos cultos, por outro lado, não se tem notícia de que permitam fazer o mesmo em ambientes seculares.

O individualismo, a "prosperidade" e as mediações

O aspecto mais destacado na crítica ao movimento carismático tem sido o reforço ao individualismo. As experiências, em sua maioria, não são construídas comunitariamente, mas testemunhadas como esforço pessoal. O êxito na vivência espiritual é conseguido por uma busca incansável, árdua e indivi-

dual — ainda que os momentos de êxtase sejam atingidos em reuniões. A perspectiva protestante da salvação e a vivência gratuita da fé é substituída por uma compreensão de salvação por obras, embora jamais assumida.

Relacionados à problemática do individualismo, encontram-se a "teologia da prosperidade" econômico-social, de forte penetração nos meios carismáticos, e o personalismo, o elogio idolátrico, a dependência de líderes — em geral, clérigos — para desenvolvimento das atividades. A comunidade pouco ou nada é valorizada se comparada com o valor e o destaque atribuídos aos pregadores e às lideranças do movimento.

A comunidade que reúna espiritualidade carismática e ação pastoral progressista pode constituir-se em projeto não-factível. A teologia das experiências carismáticas não pressupõe mediações, enquanto estas têm sido elemento fundamental para a "pastoral popular". Como criar sínteses entre fé e razão, quando há dissonância entre a visão de mundo própria dos carismáticos e as mediações racionais?

Um dos elementos teológicos é a eschatologia. A categoria do Reino de Deus possui, nos círculos carismáticos, uma conotação a-histórica, ao advogar a imediata e inesperada volta de Cristo, finalizando a vida da Igreja e do mundo. Isto cria um distanciamento com as propostas de inserção política dos cristãos no mundo, a fim de construir uma nova ordem de justiça e de democracia. Por que dedicar esforços nesse sentido, se a vida terrena tem os seus dias contados? perguntam os carismáticos.

Outro elemento é a ação do Espírito Santo. Como combinar as estruturas mentais de tipo autoritário presentes na base do movimento carismático, e o progressismo pastoral que pressupõe a liberdade de ação do Espírito? A compreensão de que o Espírito Santo pode agir livremente e mesmo em uma confissão diferente, nas igrejas ou fora delas, de diferentes formas e em qualquer cultura, não tem tido sintonia com a espiritualidade carismática.

Essas questões, uma vez refletidas, talvez possam contribuir para que o movimento carismático torne-se uma alternativa eclesial. De fato, ele apresenta características distintas do perfil tradicional do protestantismo brasileiro, todavia não poderia manter os seus aspectos sectário e dogmático.

Cláudio de Oliveira Ribeiro é pastor metodista na Baixada Fluminense e integra o Programa de Assessoria à Pastoral (CEDI).

Davi, Nabal e Abigail

Efraim Sanches Pereira

A vida humana está permeada de conflitos. Eles estão presentes desde as profundidades do nosso ser até às relações, como reflexos de fatores econômicos, psicológicos e sociais do nosso tempo.

A Igreja, como comunidade, não pode deixar de viver esses conflitos. Às vezes, tenta sublimá-los, sufocá-los ou ignorá-los por meio de panacéias e/ou mistificações que só fazem aumentar o desejo e a frustração, discriminando pessoa, e, com isso, negando a mensagem de Jesus.

Davi, Nabal e Abigail: seus nomes são significativos! Nossos conhecidos protagonizam uma novela interessante pois nas relações conflitivas narradas por alguém do passado bíblico vivem um drama que reflete anseios, desejos e esperanças que hoje experimentamos em nossa efêmera existência.

O enredo (1 Sm 18 a 25)

Davi, ungido rei e Israel quando ainda Saul está no trono, participa do processo de desestabilização do governo. Naturalmente, sofre as consequências de seu posicionamento. Torna-se um proscrito, e sobrevive à custa de pilhagens e de atos terroristas.

A necessidade de encontrar um lugar seguro leva-o para Meom (cap.25), nos arredores do monte Carmelo, e, vivendo como beduíno, aluga suas armas para proteger grandes proprietários. Por ocasião da tosquia, como é costume da terra, cobra seus serviços e recebe uma afronta por parte de um desses proprietários, Nabal, que nega-lhe a cortesia de participar dos festejos. Enfurecido e desejoso de vingar-se, só não chega às vias de fato pela intervenção apaziguadora da esposa de Nabal, Abigail, que, com presentes, acalma Davi. Após isso, Nabal, tomando conhecimento do que esteve para acontecer, sofre um choque e, depois de dez dias, morre, deixando Abigail livre para casar-se com Davi.

Os personagens

a) **Davi (Amado).** O Davi desse período é homem retirado de seu meio pastoral. Introduzido na corte, toma contato com os maneirismos, mesquinharias, jogos de poder e de sedução, como, aliás, convém a toda corte que se preze! Acostumado às lides com animais, mais sinceros e dignos do que muitos homens, não resiste ao brilho do poder.

Os jogos da corte enredam-no e ele transforma-se de músico e poeta em

guerreiro terrível e sanguinário, na ânsia de satisfazer o poder. Sendo bom no que faz (18.4), logo desperta o ciúme de Saul (18.8): é preciso seduzi-lo. Uma esposa das filhas do rei, concedida pelo dote de duzentas vidas filistéias (18.27), torna-se um bom começo. Assim, Mical (ribeiro, fonte de água, fonte da vida), paradoxalmente, por meio da morte, entra em sua vida.

Os fatos, no entanto, se sucedem desfavoravelmente, e não resta ao músico/poeta outra alternativa que a fuga, transformando-se de guerreiro aclamado pelas multidões em bandido errante, agregado de homens endividados e desgostosos da vida (22.2). Começa a experiência do desterro, da peregrinação, do não-lugar; de Davi (amado), resta o paradoxo do ódio e da perseguição. Não adianta ser herói, pois o que recebe é a traição (23.12,19); também ser guarda dos bens alheios recompensa-se com a ingratidão (25.11). A única coisa que ele agora conhece é a violência como meio e fim (25.13).

Amargurado, sem amor, solitário, não possui mais perspectivas. Saul está vivo e saudável. Portanto, a ascensão ao trono de Israel não passa de um sonho! Esconde-se nos desertos (23.14), e é companheiro dos chacais e dos abutres. As cavernas de Pará são seu lar (25.1)... Como vivem, aliás, milhares de trabalhadores e crianças brasileiras, que dormem nas rodoviárias das grandes cidades, debaixo dos viadutos, perambulando pelas ruas, sem rumo, presa fácil de inescrupulosos seres, que os utilizam para fins aviltantes e depois os exterminam! Vítimas do poder...

Davi é símbolo dos que não têm mais incentivo, que convivem todos os dias com a morte, desejando que ela os leve; que transformaram a mão que acaricia em instrumento de destruição!

b) **Nabal (Insensato, tolo, doido, ímpio).** Nabal é dono de terras e ovelhas; detém a prosperidade. Não busca mais o poder, pois já o tem. O preço que pagou é testemunhado pela narrativa, que o classifica de “duro e maligno em todo o seu trato” (25.3). É o protótipo daquele que direciona toda sua existência para ter com a finalidade de ser. Não se importa com o direito. Prova disso é que se recusa a presentear Davi por ocasião da tosquia (25.11), desprezando a proteção de seus rebanhos e o costume da terra, que é o de honrar as tribos beduínas por ocasião das festas. Os seus servos não possuem bom conceito dele. Chamam-no de “Filho de Belial”, estúpido, intratável e ingrato

(25.17). Sua esposa também não tem opinião favorável a ele. “Ele é Nabal”, diz ela, “louco e insensato” (25.25). Porém, paradoxalmente, detém a posse de Meom (refúgio, lar, lugar seguro)! É uma vida devotada à morte que domina sobre o lugar de descanso...

Pessoas como Nabal perderam há muito a sensibilidade e a naturalidade. Durante a festa da tosquia, encontramo-lo totalmente embriagado, banqueteando-se como um rei (25.36). Artificialidade e alegria só se misturam no “vinho”...

Nabal é o homem que deixou sua humanidade para tornar-se coisa; é o opressor das vidas que se chegam a ele

signação. Numa sociedade patriarcal, não há outra coisa a fazer! Ela procura constantemente corrigir as injustiças produzidas por Nabal (25.18), e dessa maneira esbarra em Davi. De repente, descortina-se para Abigail uma possibilidade, assim como para Davi.

Abigail está nas igrejas, submetida por interpretações particulares da Bíblia, que não permitem que ela fale e demonstre sua sensatez. Está nos lares sendo explorada econômica e sexualmente, resignada muitas vezes, revoltada outras, mas sem coragem para mudar sua história. Abigail espera... e pode ser que Davi apareça!

O desfecho

Davi encontra um colo onde acolher-se (25.39-44); a narrativa é uma celebração do amor como fonte de paz; é a beleza que suaviza o homem embrutecido pela dor e pelas circunstâncias da vida. Ouvir Abigail é deixar-se conduzir pela ternura e carinho, que transforma a violência em gentileza (25.36)...

A Nabal, resta a remoção (25.38)! Seu lugar é o “não-lugar”; sua recompensa é a morte, pois a ela dedicou-se toda sua vida! Não há possibilidade para Nabal... Seu fim é coerente com sua busca. Ele negou a vida! Ela, finalmente, desiste dele...

O script não estaria completo sem um último elemento: o *Inusitado!* O *Acaso*, que visita aquele que ilude-se achando que é eterno; a *Morte*, que remove de Meom seu habitante indigno, para que Abigail e Davi possam preencher-se! O *Vento*, que dissipa a fortaleza de areia em que se abrigou a impiedade e a dureza daquele que não buscava outra coisa do que seu próprio interesse e insurgiu-se contra a verdadeira sabedoria (Pv 18.1); o *Inesperado*, que rompe os paradoxos, fazendo imperar a harmonia, desabrochando a *Alegria* e fazendo-a exalar um novo perfume de vida para quem necessita sentir para existir... Javé, a grata surpresa da narrativa!

O texto, com seus símbolos e personagens, esconde e revela a complexidade das relações, que no conflito se entrelaçam e se fortalecem. Sem essas interações não existe possibilidade de viver, compreender, amar, sentir, acariciar e festejar. A vida prossegue... Mas, já não se é o mesmo de antes. Agora existe a esperança... e o *Inusitado!*

Efraim Sanches Pereira é pastor metodista em Rondonópolis (MT) e presidente da Comissão Regional de Ensino Religioso (Crer).



Sexualidade — o prazer que liberta

Robinson Cavalcanti

A sexualidade continua a ser o último tabu do cristianismo. Nada do que é humano nos deveria ser estranho (Terêncio). Os cristãos continuam a estranhar a natureza, ou, na visão de Rubem Alves, não querem ouvir “as vozes do corpo”.

Nunca a civilização teve ao seu dispor tanta informação sobre o tema, mas não se avança porque não se lança mão desse material ou porque a apreensão se dá apenas no plano cognitivo e não existencial. A questão parece ser menos de conhecimento e mais de atitude.

No Brasil, os evangélicos conservadores se dividem em dois grupos: a) os que nunca tocam no assunto e vivem a realidade empírica e a repressão; e b) os que patrocinam a divulgação de um só ponto de vista — o moralismo pequeno-burguês de inspiração norte-americana — e censuram qualquer outra opinião. A imaturidade e a insegurança não dão lugar ao pluralismo. O temor dos instintos e sentimentos conduz à normatização do erótico, a um legalismo irracional, anticientífico e patogênico.

Evangélicos mais lúcidos se calam e se acomodam para melhor sobreviver. Outros reproduzem o discurso tradicional para garantir a carreira e a aceitação diante de um rígido e impiedoso controle social. Todos fiscalizam todos e se enquadraram mutuamente. O processo é alimentado teologicamente pelas centrais do poder religioso conservador do Primeiro Mundo.

Entre os protestantes liberais o quadro não é mais animador. Também teríamos dois grupos: a) o majoritário, constituído pelos que são “liberais” em tudo e “puritanos” quanto à sexualidade. Em quase nada se diferenciam de seus irmãos fundamentalistas. Liberais na cátedra e reacionários na vida; e b) o minoritário, formado pelos eternos vanguardistas, miméticos das vanguardas do Primeiro Mundo e que optam pela via mais fácil do relativismo.

Com relação à Teologia da Libertação, o reducionismo econômico e político impediu a reflexão e a práxis abrangente que incluísse a libertação do erótico, muito menos a percepção de Reich, em que o erótico libertador é o próprio veículo da libertação sadia, econômica, política e cultural. Nem Marcuse foi levado a sério.

Honrosas exceções protestantes: Maraschin defende uma teologia do corpo; e Rubem Alves denuncia a semelhança reacionária entre o ascetismo religioso e o ascetismo político, que impedem um discurso sobre o prazer.

Mudanças, apesar de nós

Apesar dos seus próprios exageros (reação pendular da História), apesar de João Paulo II e dos televangelistas, do vírus da Aids e do uso político desse vírus, a revolução cultural libertária dos anos de 1960 deixou sua marca entre nós, no nível da sociedade, do Estado, adentrando (assumida ou clandestinamente) nossas igrejas. Essas mudanças, fruto da urbanização, da secularização e da universalização da escolaridade, seriam muito enriquecidas pela contribuição séria e aberta dos cristãos, que, lamentavelmente, se mantiveram defensivos ou agressivos.

A mulher foi-se emancipando, o divórcio foi implementado, as uniões de fato foram reconhecidas como entidades familiares, status único foi atribuído aos filhos de qualquer relação. No mundo inteiro luta-se contra as discriminações aos comportamentos não-convenicionais e afirma-se o direito dos relacionamentos por mútuo consentimento entre adultos. Todo esse processo foi visto com horror pelos poderosos de todos os sistemas que precisam da libido dos oprimidos para mover suas máquinas. São da lógica dos sistemas de poder a cooptação, a domesticação, a banalização e a distorção desse processo revolucionário. Os veículos de difusão massiva fazem a sua parte, e as pastorais familiares cristãs da “direita civilizada” e correntes dos psicoterapeutas cristãos fazem as deles.

Apesar de tudo, cresce em todo o mundo o número dos cristãos comprometidos e responsáveis que não engrossam as fileiras dos vanguardismos irresponsáveis nem o coro dos moralismos ultrapassados, mas que afirmam a contemporaneidade de sua fé presente e agente nos processos de mudança.

Apenas algumas teses

Sem marteladas na igreja de Wittenberg, propomos algumas teses para reflexão.

■ **Primeira tese:** Todos os seres humanos foram criados por Deus como seres sexuados. A sexualidade não se reduz à genitalidade, mas, necessariamente, a inclui; é parte integral da interação humana, das expressões afetivas, e não se resume à mera reprodução da espécie. Por conseguinte, é parte inelutável da missão docente da igreja a promoção do estudo multidisciplinar e teoricamente plural da sexualidade humana em todas as suas dimensões.

■ **Segunda tese:** Todos os seres humanos são destinados à realização plena

da sua sexualidade. O celibato somente é legítimo como livre opção a vocação especial, ou em decorrência de limitações impeditivas insuperáveis, físicas ou psíquicas, congênitas ou adquiridas. A defesa dos direitos humanos inclui, necessariamente, o direito natural à realização sexual. Existindo a Lei e os costumes em razão da pessoa humana e não das instituições, devem estas — sociais, estatais ou eclesiás — concorrer para a realização e não para a sua privação, no contexto de cada conjuntura.

■ **Terceira tese:** A vivência da sexualidade é um fato histórico e cultural, e, por isso, diverso e em constante processo de mudança. A arrogância e o preconceito etnocêntrico têm levado a lamentáveis tentativas de absolutização de padrões de comportamento de determinadas épocas e lugares, especialmente dos povos hegemônicos. Constitui, ainda, pecado contra as Sagradas Escrituras qualquer tentativa de identificação de modelos históricos com o modelo edênico da Ordem da Criação.

■ **Quarta tese:** Almejando a felicidade humana e considerando a negatividade da presença do pecado em todos os seres, as Sagradas Escrituras, na linguagem e nos contextos em que foram escritas, estabelecem normas restritivas ao comportamento sexual. Os chamados “pecados性uais”, contudo, nunca receberam status especial. A ação do Espírito Santo — de culpa e de graça — inspira a ação pastoral de apoio e não a ação policial de expurgos. A missão terapêutica da igreja não passa pela promoção de neuroses.

■ **Quinta tese:** O matrimônio, união voluntária de afetos, aspirações e projetos com ânimo de permanência, entre os que confessam Jesus Cristo como Senhor, constitui, com todas as limitações, o paradigma máximo para a expressão da sexualidade. Os ritos, procedimentos e documentos, apesar de importantes, não são o núcleo do casamento, e sua ausência não o descaracteriza.

■ **Sexta tese:** Há uniões feitas por Deus, pelos próprios homens e pelo demônio. Por melhores que sejam as intenções dos cônjuges, seus defeitos, patologias e fragilidades poderão resultar em fracasso patrimonial. A ação pastoral visa a manutenção e a restauração das uniões, mas antes de impedir ou condenar o divórcio, a ação pastoral deve acompanhar as transições visando o amadurecimento dos cristãos que optarem por novas uniões.

■ **Sétima tese:** Amplo consenso histórico da Igreja tem legitimado a exclusi-

vidade das uniões heteroeróticas. As causas do homoerotismo e as possibilidades de reversão às orientações heteroeróticas, por terapia ou milagre, são ainda alvo de controvérsias. A reafirmação do padrão heteroerótico não pode significar preconceito, discriminação, agressão ou marginalização dos homossexuais.

■ **Oitava tese:** Os estudos mais aprofundados e mais honestos da História, da Antropologia e das Sagradas Escrituras têm diferenciado adultério de poligamia. A identificação dos dois conceitos tem sido uma necessidade dos sistemas religiosos e morais para a sua própria manutenção. Para a maioria dos reformadores do século XVI, pode-se discutir a conveniência ou não dos matrimônios poligâmicos, mas não a sua licitude, especialmente em certas circunstâncias históricas e atuais, como o desequilíbrio demográfico.

■ **Nona tese:** Todos os valores cristãos são de igual importância, mas nem sempre se podem vivenciar todos ao mesmo tempo, exercitando-se as opções possíveis. A doutrina do “esfriamento erótico”, a liberação para as monogamias mistas ou a tolerância para a poligamia entre os domésticos da fé têm sido as alternativas conjunturalmente possíveis na impossibilidade da vivência simultânea dos padrões ideais por parte de todas as pessoas. Con quanto o “esfriamento erótico” tenha sido a opção dos mais conservadores e os casamentos mistos a opção dos mais liberais, a poligamia entre os da família da fé seria dentre essas imperfeições (padrões possíveis aquém do ideal) a alternativa menos danosa, e que merecem despreconceituosa reelaboração nos planos teológico e pastoral.

■ **Décima tese:** Na construção e reconstrução dos costumes — dinâmica e plural — devem os cristãos, preferencialmente, optar por ações conjuntas e transparentes.

A clandestinidade, contudo, pode se constituir, muitas vezes, no único caminho possível para os pioneiros, os inovadores e os dissidentes, diante da rigidez da repressão e do desrespeito à privacidade de parte dos sistemas, inclusive os religiosos. O preço da busca da felicidade e da sanidade e da democratização da libido que transforma a História podem requerer, em nossos dias, a silenciosa via das catacumbas.

Robinson Cavalcanti é ministro anglicano e cientista político em Recife (Pernambuco), e autor de “Libertação e Sexualidade — Instituto, Cultura e Revelação”.

A Bíblia e o protestantismo

Huberto Kirchheim

Em 31 de outubro, os protestantes comemoram a Reforma. Nesse dia, em 1517, Martinho Lutero dava início a um movimento de renovação. Pois essa reforma protestante surgiu como movimento de leitura bíblica.

Quem, hoje, comemora a Reforma, sente-se irmão(a) aos inúmeros grupos bíblicos que se reúnem para leitura e estudo da Bíblia.

Mais do que no passado, o povo descobre a Bíblia e faz dela o seu guia. Normalmente são pessoas simples das vilas do campo, não acostumadas à leitura de outros livros. Já Lutero dizia que o povo não precisa da tutoria de especialistas, doutos, exegetas ou peritos que lhe digam a maneira de ler e de compreender a Bíblia. Dizia que a Bíblia “a si mesma se interpreta”.

Ao refletir sobre essa afirmação de Lutero, naturalmente levantam-se muitas perguntas. Sabemos que não é fácil assim ler a Bíblia! A dificuldade reside em dois aspectos. Por um lado, o mundo e a visão dos autores bíblicos não são iguais aos nossos. O contexto no qual os textos foram escritos não é o nosso. A linguagem dos autores não é a nossa.

Por outro lado, sabemos hoje que cada leitor abre a Bíblia a partir de suas expectativas, perguntas, pré-concepções e pré-interpretações. Disso resulta uma ilimitada diversidade de interpretações dos textos bíblicos.

Como, então, compreender essa ousada afirmação de Lutero, quando diz que a “Bíblia a si mesma se interpreta”?

Lutero pode dizer isso porque não compreendia a Bíblia como dogma ou letra. Para ele a Bíblia era прédica, testemunho, proclamação que fala ao leitor e se torna para ele viva voz do Evangelho. Assim,

ainda que apresente passagens obscuras, a Bíblia se torna “clara como a luz do sol” em seu centro, que é o próprio Cristo. Por conseguinte, ao dizer que a fé do cristão surge tão-somente da mensagem bíblica, isso significa que ela surge unicamente da proclamação de Cristo.

Lutero entende que o leitor, ao consultar a Bíblia, a partir das perguntas de sua própria vida, ouve a voz do próprio Cristo que lhe fala por meio da Escritura. Assim a Bíblia, de objeto a ser interpretado, transforma-se em sujeito que interpreta a vida do leitor — a sua história — e o anima, conforta, perdoa e lhe dá esperança.

Dessa maneira podemos concluir que Lutero não tinha uma concepção dogmática ou fundamentalista da Bíblia. Entendia-a como mensagem do Evangelho, que é o próprio Cristo.

Ao se reunirem pequenos grupos para estudo da Sagrada Escritura, os círculos bíblicos e as Comunidades Eclesiais de Base, tão abundantes em nossos dias, têm o apoio do reformador. Ele traduziu a Bíblia para a língua do povo e incentivou a criação de escolas para a alfabetização do povo com o objetivo primordial da leitura da Bíblia.

Sei que os exegetas e os peritos não se sentem menosprezados, mas convidados a participar desse processo libertador e renovador. Sei que estão também dispostos a dar a sua contribuição específica, ouvindo as perguntas do povo, por um lado, e aprofundando as respostas com o seu conhecimento de exegetas.

Huberto Kirchheim é pastor luterano, primeiro vice-presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e assessor de Ecumenismo da Igreja.

Meditação



Douglas Manaur